

ANO 13 NÚMERO 19

CADERNOS SESC DE CIDADANIA

Mesa Brasil Sesc São Paulo | 2022



sescsp.org.br

Sesc

Mesa Brasil Sesc São Paulo { ESPECIAL: Diante dos desafios impostos pela crise sanitária, o Programa Mesa Brasil manteve e intensificou o seu trabalho { INTERVENÇÃO: O pensamento do ilustrador Edson Ikê em forma de desenho { ENTREVISTA: “Alimento não é só o que se mastiga, mas o afeto que se recebe”, diz o Padre Julio Lancellotti { REPORTAGEM: Um chamado urgente para o combate à insegurança alimentar no Brasil { POESIA: A dor em forma de canção



**EX
PERI
MEN
TA!** COMIDA,
SAÚDE E
CULTURA

O universo da alimentação
e suas conexões com a
saúde e a cultura

Em outubro, bate-papos, oficinas culinárias,
dentre outras atividades

Saiba mais:
www.secscsp.org.br/experimenta



EM PRATOS LIMPOS

Danilo Santos de Miranda
Diretor do Sesc São Paulo

DENTRE OS TRAÇOS CULTURAIS QUE DISTINGUEM OS GRUPOS SOCIAIS, a relação com a comida merece destaque. Trata-se de um conjunto de comportamentos – alimentos e receitas preferidos ou negligenciados, estratégias para preparo, conservação e consumo, gestos e posturas implicados no ato de comer –, além das simbologias que transcendem a função da nutrição.

Prática cotidiana, o ato de comer reflete as especificidades de uma dada sociedade. O Brasil, sob tal ponto de vista, expõe-se em todas as suas contradições. De um lado, há abundância: grande capacidade produtiva, diversidade de sotaques culinários regionais, protagonismo do evento comensal nos rituais brasileiros. No outro polo, um mosaico de fragilidades, incluindo desequilíbrio ambiental, consumo excessivo de alimentos ultraprocessados e um quadro de desigualdade que relega populações inteiras à insegurança alimentar.

O Sesc, instituição comprometida com o bem-estar dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo, e seus dependentes, assim como da sociedade em geral, envolve-se há 76 anos com esse traço da realidade nacional. Testemunho disso foi a inauguração, em 1948, do Restaurante do Comerciante, dando início a uma longa trajetória na área de alimentação, cujo capítulo mais recente é o advento das comedorias, em 2004.

Contudo, ficou evidente que o desafio da fome, ao penetrar o tecido de nossa estrutura social, sugeria a adoção de estratégias complementares.

Em 1994, ligado a amplo debate nacional, têm início as ações do Mesa São Paulo – mais tarde replicado em todos os estados e rebatizado como Mesa Brasil –, inspirado no modelo de colheita urbana que conecta empresas doadoras de alimentos a instituições sociais e seus respectivos grupos atendidos, na complementação de refeições, minimização do desperdício e ações educativas.

Com a eclosão da pandemia, que agravou a crise social – incluindo uma de suas facetas mais cruéis, o aumento da fome –, o Mesa Brasil, considerado um programa essencial, foi ampliado, passando a atender, além das instituições sociais, famílias por elas cadastradas, bem como itens de higiene pessoal e limpeza começaram a ser distribuídos. Populações vulnerabilizadas receberam atendimentos específicos, e os cidadãos foram convidados a se engajar, por meio da doação direta de produtos, sublinhando o valor da solidariedade, fundamental em tempos difíceis.

A presente edição dos Cadernos Sesc de Cidadania reforça o papel central da alimentação na ação institucional, entendida como direito básico e inegociável, sem o qual todos os demais estão em risco. Abordar as dinâmicas alimentares em sua complexidade requer a atenção para os diversos vetores que estriam esse campo – sejam eles político-econômicos, socioculturais ou ecológicos. Há, nessas abordagens, uma destinação educativa evidente, na qual se insere esta publicação.

Boa leitura! ■

índice }

p.5
artigo Sesc
Trabalho coletivo,
humano e ininterrupto
em tempos pandêmicos

p.8
especial
Solidariedade em
rede, um horizonte
além da fome

p.20
intervenção
Cores, contornos
e pensamentos da
arte de Edson Ikê

p.22
perfil
Entrevista com
Edson Ikê

p.26
entrevista
Padre Julio Lancellotti
convive e partilha o
pão com quem não
tem lar nem comida

p.30
reportagem
Um chamado urgente
para o combate
à insegurança
alimentar no Brasil

p.38
poesia
Fluxo dita a dor em
forma de canção

Fotos Matheus José Maria



Expediente

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no
Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini

TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula

ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro

Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE

PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

Cadernos Sesc de Cidadania Mesa Brasil

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS

Rogerio Ianelli ADJUNTA Karina

Musumeci ASSISTENTES Ana

Paula Fraay, Fabíola Tavares Milan,

Gislene Lopes e Lourdes Teixeira

Benedan GERÊNCIA DE ALIMENTAÇÃO

E SEGURANÇA ALIMENTAR Márcia

Aparecida Bonetti Agostinho

Sumares ADJUNTA Maria Fabiana Ferro

Guerra ASSISTENTES Denise Meira

Gonçalves Vilas, Luciana Curvello

Gonçalves e Mariana Meirelles Ruocco

EDITOR WEB Marcel Antonio Verrumo

EDIÇÃO Semayat Oliveira PROJETO

GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Marcio

Freitas REPORTAGEM Semayat

Oliveira e Lucas Veloso TRATAMENTO

DE IMAGEM Edson Sales REVISÃO

FINAL Cláudio Leite

A revista Cadernos Sesc de Cidadania
é uma publicação do Sesc São Paulo

Distribuição gratuita

Impresso em setembro de 2022

Tiragem: 10.000 exemplares

Acesse a versão on-line e baixe

a versão PDF desta revista em

sescsp.org.br/online/revistas

Baixe o aplicativo Sesc São Paulo
e tenha acesso a esta e outras
publicações gratuitamente.



Sesc São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000 São Paulo - SP
Tel.: (11) 2607-8255
sescsp.org.br



COMBATER A FOME, UMA AÇÃO URGENTE E ESSENCIAL

Gerência de Alimentação e Segurança Alimentar

FEVEREIRO DE 2020. OS PRIMEIROS RAIOS DO SOL ACORDAM SÃO PAULO.

Caminhões deixam o Centro de Captação e Armazenagem do Mesa Brasil (CECAM) na Vila Anastácio, zona oeste da cidade. Seguem em direção a mercados, padarias, feiras livres, indústrias e outros locais onde há sobras de alimentos adequados ao uso. Captado esse excedente, os veículos retornam ao galpão do CECAM. As doações, então, são separadas e reorganizadas nos caminhões, que voltam às ruas. Dessa vez, não mais se dirigem até onde sobram alimentos, mas aos pontos em que há falta deles, a espaços rodeados pela fome e a insegurança alimentar.

Essa logística é parte de uma complexa rede operacional, que caracteriza o Mesa Brasil Sesc São Paulo. Criado em 1994, batizado como Mesa São Paulo, foi inspirado nas experiências do programa de alimentação e ações socioeducativas do Sesc e no conhecimento compartilhado por órgãos internacionais. Desde o princípio, fomos movidos pelo propósito de minimizar as desigualdades sociais e favorecer o acesso a alimentos, evitando o desperdício onde há sobras e doando onde há falta. Crescemos e hoje estamos presentes em 19 unidades, distribuídas na capital, interior e litoral do estado, que atendem mais de 1.300 instituições sociais.

Além de coletar e distribuir alimentos, estruturamos ações educativas para difundir e ampliar as trocas de

conhecimentos com as instituições sociais atendidas e as empresas doadoras. Promovemos cursos, oficinas e outras atividades teóricas e práticas a fim de capacitar e orientar sobre boas práticas aplicadas nas etapas de recebimento, armazenamento, preparo e distribuição dos alimentos, bem como formas de se evitar o desperdício, tendo como foco o aproveitamento integral dos alimentos e a inclusão de preparações que usam esse conceito nos cardápios. Também abordamos questões culturais relacionadas à alimentação, sazonalidade e técnicas culinárias diversas, em busca de valorizar o preparo de refeições adequadas, seguras e saudáveis nos espaços atendidos.

Naquela manhã de fevereiro de 2020, não imaginávamos que, após 26 anos de funcionamento, estávamos prestes a passar por um desafio tão grande e que o nosso cotidiano mudaria numa velocidade nunca vislumbrada.

Foi em março do mesmo ano. O mês começou marcado pelo aumento do número de infectados pelo novo coronavírus e os primeiros mortos pela covid-19 no Brasil. Era o início da pandemia responsável por esvaziar ruas em todo o país, por lotar hospitais e vitimar centenas de milhares de brasileiros. Uma crise sanitária que exigiu ações de diversos setores sociais. Inclusive do Sesc, que precisou repensar o dia a dia do Mesa Brasil, adequando o

funcionamento do programa ao novo cenário, sem colocar em risco a saúde de nossa equipe, dos doadores e dos colaboradores e beneficiados das instituições atendidas.

Enquanto o vírus se espalhava, o país fechava as portas e convivíamos com a dúvida perante o futuro, nos reuníamos para planejar como seguir em frente, movidos pela certeza de que, como serviço essencial, não podíamos parar.

Ações imediatas foram tomadas. Com o fechamento das unidades do Sesc, os estoques das Comedorias precisaram ser rapidamente distribuídos. Destinamos toneladas de alimentos a instituições atendidas pelo programa em diferentes pontos do estado. Passamos a captar, além de alimentos, produtos de limpeza e higiene pessoal, itens urgentes diante das necessidades observadas. Criamos protocolos para os funcionários, como o uso obrigatório de máscara, protetor facial, avental e luvas, além da intensificação da lavagem das mãos e do uso de álcool em gel 70%, procedimentos adotados em conformidade com as orientações de órgãos oficiais e as boas práticas da instituição. Em determinado momento da pandemia, entendemos que muitos beneficiados não poderiam se alimentar dentro das instituições atendidas e, então, passamos a entregar diretamente aos assistidos alimentos que poderiam ser preparados e consumidos em casa.

Adaptar-se frente às mudanças e carências da sociedade brasileira é uma característica intrínseca ao trabalho do Sesc São Paulo. Desde 1946, a instituição desenvolve, de maneira sólida e reconhecida, ações voltadas aos diversos campos, incluindo o da saúde e da alimentação. Ao longo dessas décadas, não perdemos de vista que a alimentação adequada é um direito

de todos e indispensável à vida, um pré-requisito para a realização de outros direitos humanos. Está previsto, aliás, em tratados como o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, e reconhecida nacionalmente na Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (Lei nº 11.346/2006) e na Emenda Constitucional nº 64/2010.

Enquanto éramos guiados por esse reconhecimento e seguíamos trabalhando, a pandemia continuava a vitimar brasileiros e agravava a realidade socioeconômica de nossa população. O 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil, publicado pela Rede Penssan (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar) em julho de 2022, indica que 33,1 milhões de pessoas passam fome, 14 milhões a mais do que foi identificado no final de 2020. Em números absolutos, a primeira edição do levantamento indicava que 116,8 milhões dos brasileiros não tinham acesso pleno e permanente a alimentos. Desses, 43,4 milhões não tinham alimentos em quantidade suficiente (insegurança alimentar moderada) e 19 milhões enfrentavam a fome, situação na qual a escassez de alimento compromete a sobrevivência (insegurança alimentar grave). Os dados denunciavam a necessidade de não apenas continuarmos, mas de fortalecermos as nossas ações.

Foi o que fizemos: estabelecemos novas parcerias e reunimos uma força-tarefa para intensificar o nosso trabalho.

No dia 1º de maio de 2021, promovemos o Festival Sesc Mesa Brasil no Dia do Trabalhador, uma maratona de atividades on-line. Convidamos o público a curtir o feriado em casa e a praticar a solidariedade. Foram 13 horas de transmissão de conteúdos digitais inéditos e do acervo: música, teatro,



Adaptar-se frente às mudanças e carências da sociedade brasileira é uma característica intrínseca ao trabalho do Sesc São Paulo



Em 2022, após 28 anos de Mesa Brasil Sesc São Paulo, quando miramos o hoje e refletimos sobre o amanhã, somos cientes da necessidade de, como fizemos em cada período de nossa história, continuarmos trabalhando dia a dia

alimentação, saúde, sustentabilidade, artes visuais, circo, esporte, lazer, turismo social, literatura e cidadania em + de 37.000 visualizações. Enquanto assistia, o espectador tinha a oportunidade de acessar as plataformas digitais e doar cestas básicas.

Também criamos a *Ação Urgente Contra a Fome*, uma campanha realizada com o Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e apoio do Sindicato do Comércio, Serviços e Turismo, com o objetivo de aumentar as arrecadações e as formas de doação. Passamos a receber alimentos não perecíveis nas unidades do Sesc, do Senac e Sincomércio em todo o estado. Paralelamente, realizamos *drive-thrus* na capital, no interior e no litoral, em pontos estratégicos onde era possível doar.

Se por um lado a pandemia agravava a fome e a insegurança alimentar, o brasileiro, por outro, respondia com solidariedade. Apenas em 2021, arrecadamos cerca de 6,4 mil toneladas de alimentos e 88 toneladas de produtos de higiene pessoal e limpeza. A *Ação Urgente Contra a Fome* captou mais de 135 toneladas de itens diversos. De grandes empresas a visitantes que passavam pelas unidades do Sesc e do Senac, de toneladas de alimentos a um pacote de arroz, vibramos e fomos gratos à esperança depositada em cada doação.

Distribuímos as arrecadações da campanha e as doações ao Mesa Brasil Sesc São Paulo às mais de 1.300 instituições sociais atendidas, localizadas em um capilarizado mapa que abrange 86 municípios do estado de São Paulo. Somente em 2021, foram cerca de 106 mil famílias e mais de 154 mil pessoas assistidas pelas instituições que preparam e servem as refeições para o consumo no local. Ajudamos a alimentar cidadãos que moram em abrigos,

casas de recuperação de dependentes químicos, centros de convivência para crianças e adolescentes, creches, instituições de longa permanência para idosos, hospitais, entre outros.

Em 2022, após 28 anos de Mesa Brasil Sesc São Paulo, quando miramos o hoje e refletimos sobre o amanhã, somos cientes da necessidade de, como fizemos em cada período de nossa história, continuarmos trabalhando dia a dia, de incorporarmos à nossa prática cotidiana os aprendizados e ações que contribuem e fortalecem a missão do Sesc, e de compartilharmos experiências que podem auxiliar a construir uma sociedade mais justa e solidária.

Esta edição dos Cadernos Sesc de Cidadania dialoga com esse desejo. Nas próximas páginas, apresentamos o programa e histórias de outras iniciativas, projetos e pessoas que também se dedicam a combater a fome e a insegurança alimentar. Com base em entrevistas inéditas e em pesquisas, mostramos dados recentes sobre o tema, que possibilitem uma compreensão abrangente do cenário alimentar e da sociedade brasileira contemporânea.

Inspirados em versos do álbum *Planeta Fome* cantados por Elza Soares, que tantas vezes fez da sua arte uma ferramenta de denúncia, finalizamos estas linhas, agradecendo às mãos calejadas e solidárias que, na crença de um novo amanhã, nos ajudam a fomentar as ações do Mesa Brasil Sesc São Paulo, e reafirmamos o compromisso de continuar lutando contra a fome, servindo a mesa de milhares de pessoas:

“Ah, não quero esquecer
Essa legião que se entregou por um novo dia
E eu quero é cantar essa mão tão calejada
Que nos deu tanta alegria
E vamos à luta.”

especial

SOLIDARIEDADE EM TEMPOS DE CRISE

Como a crise sanitária intensificou o senso de corresponsabilidade comunitária

texto e entrevista: Semayat Oliveira

Foto Matheus José Maria



Em São Paulo, o Mesa Brasil se adaptou à nova realidade sem paralisar suas atividades

Era o começo de 2020 quando um vírus pouco conhecido pela ciência provocou uma crise mundial. O SARS-CoV-2, como é chamado, é um integrante da família dos coronavírus e, ao infectar humanos, causa uma doença chamada covid-19. Pela facilidade com que se propaga, rapidamente ultrapassou barreiras e se disseminou pelos continentes, ocasionando mudanças ao redor do mundo. Protocolos de distanciamento social foram criados para conter a propagação do vírus, influenciando diversos setores.

Na educação formal, o fechamento das escolas transportou o ambiente de aprendizagem para as casas dos

alunos. Ao mesmo tempo, professores receberam a difícil tarefa de se adaptarem ao ensino à distância. Alguns dos impactos dessas alterações estão registrados em um estudo do Banco Mundial*, o qual indica a pandemia iniciada em 2020 como o maior choque sofrido pelos sistemas educacionais da história na América Latina e Caribe.

O mercado de trabalho também foi abalado. Um levantamento** do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

* Acting Now to Protect the Human Capital of Our Children: The Costs of and Response to COVID-19 Pandemic's Impact on the Education Sector in Latin America and the Caribbean (Agir agora para proteger o capital humano de nossas crianças: os custos e a resposta ao impacto da pandemia de COVID-19 no setor educacional na América Latina e no Caribe, em tradução livre).

** Trabalho remoto no Brasil em 2020 sob a pandemia do Covid-19: quem, quantos e onde estão?

Foto Fotonativa



O Programa doou cestas de alimentos e itens de higiene pessoal durante a pandemia

(Ipea), com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), indicou que a população brasileira ocupada em 2020 era de 83 milhões. Desses, 9,2 milhões não puderam continuar exercendo suas atividades e foram afastados. Entre os que prosseguiram em exercício, apenas 11% passaram a trabalhar de forma remota no Brasil, a maioria profissionais mulheres (56,1%), brancos (65,6%), de 20 a 39 anos (52,4%), com ensino superior ou pós-graduação (74,6%) e do setor privado (63,9%).

Também houve um aumento crescente de desempregados no período inicial da crise sanitária. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desemprego atingiu 12,9 milhões de pessoas (12,2% da população) no primeiro trimestre de 2020. A porcentagem subiu para 14,6% no terceiro trimestre do mesmo ano. Somando essa realidade à então necessidade de ficar em casa, muitas famílias passaram a conviver com a ameaça ou o agravamento da fome.

Essa onda de transformação também bateu à porta do Mesa Brasil Sesc São Paulo, programa criado em 1994 para combater a fome, a insegurança alimentar e o desperdício de alimentos. Em meio às incertezas do período, o fortalecimento da solidariedade, um valor inerente ao programa, foi a resposta.

RESPONSABILIDADE SOCIAL COMO CAMINHO

Quando a crise sanitária teve início, o Mesa Brasil já contava com 19 unidades operacionais no estado de São Paulo, cada uma responsável por, diariamente, coletar a doação de alimentos excedentes ou que perderam seu valor comercial em atacadistas, supermercados, padarias, feiras, sacolões, entre outros, e entregá-la em asilos, albergues, creches, abrigos, hospitais e casas de convivência que atendem pessoas em situação de vulnerabilidade social. Esse é o processo da colheita

urbana, modelo de banco de alimentos adotado no Mesa Brasil Sesc São Paulo.

O dicionário Michaelis define a palavra solidariedade como “responsabilidade recíproca entre os membros de uma comunidade, de uma classe ou de uma instituição”, pilar que acompanha as atividades do Serviço Social do Comércio (Sesc) desde a sua fundação, em 1946. “Esse é um valor para nós”, afirma Márcia Aparecida Bonetti Agostinho Sumares, Gerente de Alimentação e Segurança Alimentar do Sesc São Paulo. “Nunca abandonamos a nossa responsabilidade. Com o início da pandemia, tivemos a preocupação de manter o trabalho do Mesa ativo, mesmo com os desafios que se impuseram. Parar não era uma opção, logo a adequação operacional era necessária e urgente”, explica. O comprometimento dos funcionários, que se adaptaram prontamente às práticas impostas pelos novos protocolos, é um reflexo desse engajamento.

“Embora o papel do Mesa seja complementar e não prover 100% das refeições oferecidas nas instituições sociais, meu primeiro pensamento foi: Se a gente parar, o que essas pessoas vão comer?”, conta Daniela Cullen, nutricionista coordenadora do Mesa Brasil no Sesc Piracicaba.

Já no início da pandemia, o programa ampliou seu atendimento, passando a contemplar igrejas e associações de bairro, que recebiam as doações e as encaminhavam às famílias necessitadas. Ao mesmo tempo, algumas das organizações beneficiadas tiveram que fechar suas portas por oferecerem risco de contaminação. Para continuar atendendo as pessoas que ali se alimentavam e suas famílias, o programa autorizou as instituições a entregarem as doações diretamente a elas. Além disso, o Mesa Brasil, que antes distribuía exclusivamente alimentos, incluiu produtos de higiene pessoal e limpeza entre os itens doados.

Com a emergência da pandemia, na dinâmica cotidiana do programa, a



Variedade caracteriza doações do Mesa Brasil

Mesa Brasil no campo, retirando doações em Campinas

A criação do programa, em 1994, é um marco, uma ação importante para enfrentar a grave questão da fome e do desperdício de alimentos no país, onde tantos não têm como se alimentar

Foto Carlos Macedo



Foto Laura Rosenthal



AS EQUIPES DO MESA BRASIL SÃO COMPOSTAS POR

→ Nutricionista

Coordena e treina a equipe, capta e fideliza os doadores, cadastra e acompanha as instituições sociais, e define a logística de distribuição das doações, além de planejar as ações educativas.

→ **Apoio administrativo** Organiza as demandas administrativas diárias relacionadas à operação, como atualização de planilhas de resultados, relatórios, controles, prestação de contas.

→ Motorista e ajudante

Seleciona, coleta e entrega as doações, bem como é responsável por preservar as características e condições dos alimentos.

CECAM

Centro de Captação e Armazenagem do Mesa Brasil Sesc São Paulo, localizado na capital, para coletar e receber doações de grandes quantidades de alimentos.

Nos anos 2020 e 2021, foram distribuídas mais de

13,7 mil toneladas de alimentos

e 548 toneladas de produtos de higiene pessoal e limpeza, doados por 1.100 empresas e entregues a 1.300 instituições.

Neste período, o programa beneficiou

170 mil pessoas

que se alimentaram nas instituições e 108 mil famílias que prepararam os alimentos em suas casas.



Onde houver fome, instituições sociais parceiras do Mesa Brasil atendem pessoas em situação de vulnerabilidade social



Solidariedade é um ato de compaixão. É se doar para o próximo, como os médicos fizeram, como o Sesc fez. E não somente na pandemia. Ser solidário é ajudar o próximo e não esperar nada em troca



preocupação foi proteger a vida, a saúde e a integridade dos funcionários do Sesc, das instituições e das empresas doadoras. No Mesa, houve o afastamento presencial daqueles que faziam parte do grupo de risco e a busca por garantir a segurança de quem continuou trabalhando. Protocolos de convivência e higiene já existiam, mas os cuidados foram ampliados com base em orientações de especialistas e definições dos órgãos de saúde, de âmbito municipal, estadual e federal, além da Organização Mundial da Saúde (OMS).

O uso de máscaras passou a ser obrigatório durante o trabalho, assim como o de luvas, toucas e aventais para motoristas e ajudantes. “Foi preciso fazer alguns combinados com as instituições para entregarmos os alimentos com segurança”, lembra Daniela Cullen.

Em relação à equipe, o espírito de luta e a determinação em não desistir alimentaram o dia a dia de trabalho. Na Baixada Santista, o ajudante Anselmo Farias Santos permaneceu na linha de frente: “Me senti honrado em ter a chance de ajudar. Além de levar o alimento para as mesas, levamos um pouco de esperança”.

Nos primeiros meses da operação, um episódio marcou a forma como Anselmo compreendia seu trabalho. Certo dia, enquanto seu colega estacionava o caminhão antes de mais uma entrega, viu uma fila imensa de pessoas aguardando pela doação. Naquele momento, a sensação de dever cumprido fez com que qualquer medo por estar nas ruas ganhasse outro contorno. “Foi importante compartilhar essa experiência dentro do meu lar”, revela.

Sua maior dificuldade no processo de adaptação foi a necessidade de manter o distanciamento social: “Nosso trabalho é feito de contato físico, desde o doador até o momento da entrega”. Aprender outras formas de acolhimento foi um grande desafio, mas Anselmo se manteve acreditando: “Logo, logo, tudo isso vai passar”.

AÇÃO SOLIDÁRIA EM REDE

Manter a ação do Mesa Brasil em território paulista não é uma tarefa fácil, ao considerarmos que a média de doações chega a 570 toneladas de alimentos por mês. Mas esses números não seriam possíveis se a estratégia do programa não incluísse a atitude voluntária e solidária das empresas parceiras.

Desde a chegada do novo coronavírus ao país, pesquisas já indicavam um aprofundamento das desigualdades. Um relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), com base em pesquisas feitas entre abril e julho de 2020, apontou o aumento do trabalho infantil na cidade de São Paulo. O número de pessoas vivendo em situação de rua na capital paulista subiu de 24.344, em 2019, para 31.884 ao final de 2021, segundo a prefeitura. Enquanto isso, cenas de filas espalhadas pela cidade para a retirada de cestas básicas se tornavam cada vez mais frequentes.

Segundo uma pesquisa publicada pela Rede Nossa São Paulo e pelo Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégia (Ipec), em 2021, 92% dos entrevistados afirmaram que a fome e a pobreza se tornaram ainda mais perceptíveis na capital paulista.

No caso do Mesa Brasil, o acompanhamento contínuo das instituições sociais atendidas foi mais um termômetro para compreender esse agravamento. “Antes de serem publicadas as primeiras pesquisas sobre a insegurança alimentar no contexto da covid-19, já era possível ver o aumento no número de pessoas sem acesso a alimentos básicos, como arroz e feijão”, diz

Márcia Sumares. Imediatamente, os esforços na captação de empresas doadoras foram intensificados.

Em um período no qual mais pessoas passaram a permanecer em casa, o celular, o computador e a TV se tornaram meios de comunicação ainda mais importantes. Atenta a isso, a equipe do Mesa Brasil se apropriou dessas ferramentas na busca por novas doações. A partir das atividades on-line realizadas pelo Sesc, quem estava atento às telas foi convidado a contribuir com o programa.

Um exemplo disso foi o Festival Sesc Mesa Brasil no Dia do Trabalhador, realizado em maio de 2021. Da música à leitura de trechos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a intenção do festival foi unir a força da cultura com a sensibilização para a importância de agir no combate à fome.

Em seguida, foi criada a campanha Ação Urgente Contra a Fome, pensada para possibilitar o recebimento de doações de pessoas físicas nas unidades do Sesc, do Senac e do Sindicato do Comércio, Serviços e Turismo, entidades que se juntaram para arrecadar alimentos não perecíveis no estado de São Paulo.

BANCO DE ALIMENTOS

São organizações que trabalham no combate à fome, recebendo doações de alimentos e direcionando-as a instituições sociais com atendimento regular a pessoas em condição de vulnerabilidade social. Podem atuar no modelo de banco, armazenando o alimento para que a instituição social faça a retirada, ou de colheita urbana, como é o caso do Mesa Brasil Sesc São Paulo, que também realiza a entrega das doações nas instituições sociais.

A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA

Em outra frente, o impacto da pandemia no comércio, principalmente nos primeiros meses, refletiu-se nas doações. Com os estoques parados, produtores de alimentos e outras empresas, com o objetivo de ajudar as pessoas em situação de vulnerabilidade, além de evitar o desperdício, direcionaram ao programa grandes volumes de alimentos e produtos de higiene pessoal e limpeza. Foi o que aconteceu com o Igor de Almeida Martinez, proprietário da empresa Agro Comercial MJ, em Avaí (SP), grande produtora de melancias: “Os custos subiram, os mercados fecharam e tínhamos um grande volume de mercadorias para colher da lavoura. Foi ficando muito difícil”.

A rede de solidariedade do Sesc foi um dos caminhos para evitar a perda de um produto de qualidade. Em função da grande quantidade de alimentos, foi necessário acionar vários veículos do Mesa para concluir o transporte. “Considerando uma média anual, a doação chegou a 5 toneladas por semana. Hoje, acho que sou o maior doador da minha região”, diz com um sorriso de contentamento. E doar, como ele mesmo diz, é recompensador: “Ver a foto de uma criança comendo uma melancia ou bebendo um suco feito para a merenda de uma instituição já alivia quando você está estressado”.

Além de histórias como essa, há relatos de vínculos renovados ao longo dos anos, como é o caso da cientista social Rita Barbosa. Seu primeiro contato com o programa foi depois de se deparar com realidades dicotômicas: a fome e o desperdício. Em 1989, seu pai decidiu empreender no ramo alimentar com a venda de batatas e, em 2002, começou a comercializar seu produto na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP).

Com o crescimento do negócio, Rita passou a ajudá-lo e percebeu que,



Doações da Campanha Ação Urgente Contra a Fome, realizada em parceria com o Senac e apoio do Sindicato do Comércio, Serviços e Turismo

a cada meia hora, alguém pedia comida. Ao mesmo tempo, notou um desperdício enorme de mercadoria, seja no momento da venda ou no processo de produção. O nível de descarte no manuseio e na compra era impactante. Então, uma pergunta a inquietou: “O que fazer para evitar o desperdício?”

Durante o período em que trabalhou lá, observou uma certa dificuldade dos produtores em enxergar o volume de alimentos desprezados. Isso porque lidavam com grandes quantidades diariamente. “Para quem trabalha com 300 sacos de 50kg, ver cum-bucas de batata perdidas pra lá e pra cá, perto daquele montante, parece meio ridículo. Mas juntando 2kg de lá e 5kg daqui, é muita coisa”, lembra.

Sua vontade em ser uma doadora de alimentos já havia se manifestado

quando, em 2012, se deparou com a equipe do Mesa Brasil no CEAGESP. “Chegaram, explicaram a dinâmica de coleta e perguntaram se poderíamos colaborar. Achei superlegal”. A operação era simples e prática, com capacidade de absorver doações de 10kg de batatas até 30 sacos com 50kg cada um. O método despertou uma sensação de confiança e perdurou até mesmo depois da venda do negócio da família, em 2019.

O vínculo da cientista social com o Mesa Brasil passou a ter o propósito de combater a fome e o desperdício, independentemente de da sua área de atuação. Com a chegada da pandemia, ela passou a contribuir individualmente e a mobilizar amigos dispostos a fazerem o mesmo. “Vi que estavam precisando de ces-

tas básicas, então comecei a falar com pessoas próximas. Muitas responderam que já sentiram vontade de ajudar, mas não sabiam como”, lembra.

A cantora e compositora Fortuna também escolheu o Sesc São Paulo como um aliado. “Fiquei muito chocada com tudo que estava à minha volta e me perguntei onde poderia colocar minhas energias. Foi quando me lembrei do Mesa Brasil”, conta. Há alguns anos, ao participar de uma apresentação sobre o programa, se surpreendeu com a estratégia: “Vi a rede de entregas, muito bem organizada e estruturada”.

Brasileira de origem judaica, sua trajetória artística já completou mais de 30 anos. Ao ser perguntada sobre seu interesse em doar, sua resposta foi: “Tzedaká”. Em sua cultura, o ter-

O sentimento de solidariedade aumentou dentro e fora da nossa equipe, assim como o entendimento sobre a importância do nosso trabalho e de continuarmos

Foto Matheus José Maria



Mesa Brasil destina alimentos à aldeia indígena multiétnica Filhos Desta Terra

MAIS CONHECIMENTO, MENOS DESPERDÍCIO

Uma das frentes de atuação do Mesa Brasil é de caráter educativo. São cursos e oficinas voltados a instituições sociais e empresas doadoras, a fim de sensibilizar e orientar sobre boas práticas aplicadas nas etapas de recebimento, armazenamento, preparo e distribuição dos alimentos, além de abordar técnicas culinárias com o aproveitamento integral desses, resultando na preparação de refeições adequadas, seguras, sustentáveis e saudáveis.

mo diz respeito à reconexão com o sagrado, também possível por meio da solidariedade. “É um jeito de olhar para o outro, uma forma de cada um de nós se doar. É doação de tempo, de compartilhar o máximo que podemos e abrir portas para que outros tenham acessos”, explica.

Para ela, é fundamental criar uma corrente produtiva sustentável em torno de uma causa, e foi o que aconteceu. Sua mobilização inspirou a atitude e a ação solidária de outras pessoas e empresas. “O Mesa engloba algo muito milenar da minha tradição, que é a Tzedaká, e de uma forma muito bem-feita. Fiz o que podia e me fez muito bem, deu sentido à vida. É difícil uma pessoa ser excluída por qualquer motivo, mas a fome ainda é o pior”, concluiu.

PERFIS

Destino final: o que acontece quando o alimento chega?

CASA FLORESCER: ACOLHIMENTO E DIGNIDADE

Localizada no centro de São Paulo, na região do Bom Retiro, a organização não governamental foi fundada em 2015 e atua como um centro de acolhida para travestis e mulheres transexuais.

Um ano depois de criado, o Mesa Brasil passou a ser um parceiro contínuo, oferecendo alimentos variados e seguros para complementar as refeições. Na visão do coordenador Alberto Silva, são raras as iniciativas que doam alimentos com a qualidade do Mesa Brasil. “Às vezes, você quer oferecer uma alimentação com um valor nutricional maior, mas o recurso disponível não permite”, explicou. A casa tem capacidade para atender até 30 mulheres, com uma faixa etária bem diversificada.

As acolhidas têm a possibilidade de permanecer no espaço por até 6 meses. Nesse meio tempo, existe um trabalho para integrá-las à sociedade. Pelo fato de muitas estarem em situação de rua, ou seja, com a saúde mais fragilizada, a qualidade da alimentação é impactada. “O apoio e essa conexão com o Mesa nos fortalecem muito. Temos oportunidade de acessar alimentos diferentes: legumes, verduras e produtos que, às vezes, não teríamos”, contou Alberto.

COMIDA COM AFETO E SEM DESPERDÍCIO

No Grajaú, bairro localizado na zona sul de São Paulo, o Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) Jardim Sabiá oferece um espaço de bem-estar, convívio e trabalho socioeducativo



Na Casa Florescer, o Mesa Brasil distribui alimentos diversos para complementar refeições

no contraturno escolar. Quando o assunto é comida, Daniela Mara Batista é a dona das mãos responsáveis pela alimentação.

O CCA passou a ser beneficiado pelo programa bem antes do início da pandemia. E a Tia Daniela, como ficou conhecida, não tem receio algum em dizer que, desde então, aprendeu a aproveitar todos os alimentos enviados para complementar as refeições das crianças.

“Utilizo tudo. Aprendi a aproveitar legumes que, às vezes, parecem danificados. Por exemplo, se recebo tomates maduros e mais machucados, tenho a opção de fazer molhos para

Foto Dani Sandrini



evitar os industrializados. Faço bolo com a casca de banana, farofa com pão, chips com a casca de batata e uso a abóbora inteira”, detalha.

Com a paralisação das atividades durante o período de distanciamento social mais restritivo, cozinhar no CCA tornou-se inviável. Então, o grupo optou pela distribuição de cestas básicas, incluindo as doações do Mesa Brasil, diretamente para as famílias das crianças e adolescentes até então atendidos dentro da entidade. Ainda assim, Daniela não deixou de exercer sua função.

Embora sua vontade fosse estar lá fisicamente, em meio às suas pa-

nelas, a solução foi gravar vídeos para ensinar receitas com os produtos disponíveis nas cestas, até que fosse possível voltar ao atendimento presencial. Quando esse reencontro pôde acontecer em segurança, os jovens disseram a ela o carinho de que mais sentiram falta: “Que saudade da sua comida, Tia Dani”.

MAGDÁLIA: O IMPACTO DA PANDEMIA NOS LARES LIDERADOS POR MULHERES

Moradora do Jardim Varginha, na zona sul de São Paulo, a técnica de enfermagem Maria Magdália de Góis se deparou com o desemprego logo no início da pandemia. Até então, atua-

DOE PARA O MESA BRASIL SESC SP

Seja um parceiro do programa e se junte a esta ação contra a fome e o desperdício de alimentos.

Contato: mesabrasil@sescsp.org.br

Saiba mais: mesabrasil.sescsp.org.br



va como cuidadora, mas acabou sendo dispensada, o que torna seu relato semelhante ao de outras mulheres brasileiras. “Ao ficar desempregada, precisei de ajuda”, afirmou Magdália.

Nos últimos anos, as mulheres têm sido as principais vítimas do desemprego. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada pelo IBGE, o desemprego atingiu 9% dos homens e 13,9% das mulheres no quarto trimestre de 2021.

A história de Magdália é um exemplo de como as doações do Mesa Brasil chegaram até as famílias impedidas de acessarem as organizações por

respeito às medidas de segurança. Seu filho era um dos jovens frequentadores e recebia as refeições preparadas por Daniela no Centro Comunitário Jardim Sabiá, localizado perto de sua casa.

Com o fechamento temporário do espaço, a entrega das cestas contribuiu para garantir a alimentação dos dois. Ela contou que, sem o suporte dos colaboradores do Centro, seus últimos meses teriam sido mais difíceis.

O CAMINHO É COLETIVO

O Global FoodBanking Network (GFN ou Associação Global de Banco de Alimentos, em tradução livre) é uma rede que apoia bancos de alimentos em 44 países. O Mesa Brasil é o representante nacional na rede e é o maior da América Latina.

Segundo o Panorama Regional de Segurança Alimentar e Nutricional divulgado pela ONU, em 2021, o número de pessoas vivendo em insegurança alimentar grave na América Latina e Caribe aumentou em 13,8 milhões entre 2019 e 2020, atingindo um total de 59,7 milhões. É o maior índice já registrado desde os anos 2000.

Para Ana Catalina Suarez, diretora de operações do GFN na América Latina, este contexto reforça a importância dos bancos de alimentos. No caso do Brasil, um dos principais exportadores de insumos agrícolas, ela avalia essas iniciativas como essenciais para o enfrentamento da insegurança alimentar.

“O Mesa Brasil ainda nos lembra, de maneira insistente, de que não basta coletar o alimento e entregar se não houver uma educação alimentar”, reforça Ana Catalina. Para ela, esse é um compromisso relacionado à dignidade humana, direito violado diante da desumanização histórica sofrida por uma parcela da população.

“Sempre associamos a pobreza e a vulnerabilidade à ideia de esmolas, como se essas pessoas aceitassem qualquer coisa”, diz, mas endossa o



“Estamos no país que mais produz alimentos e tem gente passando fome. E essas pessoas têm cor, têm origem, têm o lugar histórico delas”

Douglas Belchior, do Coalizão Negra por Direitos e Uneafro Brasil



“Sempre associamos a pobreza e a vulnerabilidade à ideia de esmolas, como se essas pessoas aceitassem qualquer coisa”

Ana Catalina Suarez, do Global FoodBanking Network



contrário, salientando a necessidade de ter um padrão de qualidade elevado para atender quem vive em condição de vulnerabilidade.

COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS

A defesa da dignidade é uma das missões da Coalizão Negra por Direitos, organização formada por centenas de entidades da sociedade civil unidas na luta contra o racismo. Entre 2020 e 2021, o grupo deu início a uma mobilização para levantar fundos e combater a insegurança alimentar. A campanha, intitulada *Se tem gente com fome, dá de comer*, em homenagem ao escritor e poeta Solano Trindade, teve uma abrangência nacional.

Historiador e ativista, Douglas Belchior é uma das lideranças da Coalizão Negra e fundador da Uneafro, movimento para a educação de jovens negros. Ele conta que o foco era atender um público-alvo específico: populações que moram nas regiões periféricas e favelas de grandes cidades, ou em comunidades tradicionais, como os quilombos e regiões ribeirinhas. Invariavelmente, a maioria é composta por pessoas negras, realidade que não começou com a pandemia.

Segundo a organização, entre abril e agosto de 2021, mais de 103 mil famílias foram beneficiadas com doações e, até setembro, a arrecadação havia atingido a marca de 18 milhões de reais, dos quais 10 milhões foram doados por pessoas físicas.

O sentimento regente da campanha foi a indignação, relata o ativista: “Precisamos sair deste lugar. Estamos no país que mais produz alimentos e tem gente passando fome. E essas pessoas têm cor, têm origem, têm o lugar histórico delas”.

Um horizonte sem fome também é o sonho da equipe do Mesa Brasil Sesc São Paulo. Mas até lá, como afirma Márcia Sumares, “enquanto for preciso, seguiremos firmes na missão de combater a fome e o desperdício de alimentos”. ■



Coalizão Negra por Direitos em ação na comunidade do Jardim Miriam - São Paulo

Foto Kazuo Kajuhara



Mesa Brasil em parceria com a Central Única das Favelas (CUFA) em Heliópolis - São Paulo

Foto Matheus José Maria



Pastoral do Povo da Rua provê alimentos para pessoas em situação de rua

OUTRAS ORGANIZAÇÕES QUE ATUAM NO COMBATE À FOME NO BRASIL

→ Central Única das Favelas (CUFA)

A Campanha *CUFA Contra o Vírus* promove a distribuição de cestas básicas nas favelas do Brasil, além de oferecer auxílio às mães solo moradoras de regiões periféricas de 17 estados e do Distrito Federal.

→ Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome

Campanha de distribuição de alimentos feita de forma coletiva e capitaneada pela historiadora Adriana Salay, uma das principais referências no estudo sobre a fome no Brasil. O nome tem por inspiração a letra de Caetano Veloso.

→ Pastoral do Povo de Rua

Com a liderança do padre Julio Lancellotti, sacerdote reconhecido por seu compromisso com causas sociais, a pastoral tem a missão de desenvolver ações voltadas a pessoas em situação de rua. Prover alimentação é uma delas.

intervenção

Pesca

Xilogravura

Edson Ikê

São Paulo, 2021

SOBRE A TÉCNICA

Xilogravura à base de madeira com ilustração, sobreposição e colorização digital.

SOBRE A OBRA

Edson Ikê foi convidado a criar uma ilustração exclusiva para esta edição da revista, que apresenta o programa Mesa Brasil Sesc São Paulo no contexto da pandemia e agravamento da fome no país. O peixe é um elemento frequente em seus desenhos. Na sua simbologia, esse animal materializa a ideia de fartura e reprodução. A inspiração para a obra é o modo de vida ribeirinho e indígena, que tem o peixe como um dos principais alimentos. “Meu objetivo foi trazer a natureza, que por si só, é abundante”, explica.

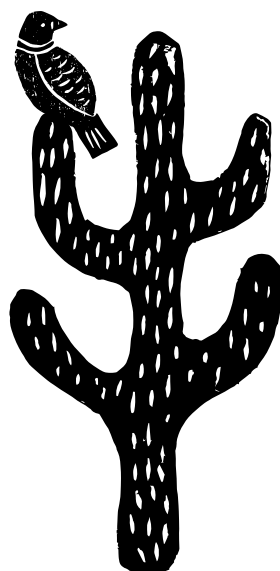




Edson Ikê: o pensamento em forma de desenho

Com ilustrações em livros, jornais e discos, o artista tem raízes brasileiras e alcance internacional

texto e entrevista: Lucas Veloso
ilustrações: Edson Ikê



Anos 90, São Bernardo do Campo. Na periferia da cidade, no bairro do Areião, um projeto social oferece oficinas e aulas de arte e cultura, entre elas, de xilogravura. Foi nesse lugar que, ainda na juventude, Edson Pereira da Silva, 41 anos, conheceu a técnica em que baseia seu traço e suas ilustrações.

Desenhar sempre foi uma habilidade, algo que gostava de fazer ainda na infância. Depois das oficinas, se formou em Publicidade e estudou Designer Gráfico. Durante sua trajetória no mercado de trabalho, chegou a atuar na RAP Brasil, a primeira revista de hip hop da América Latina, na revista Raça e em outras empresas do ramo editorial, como Escala e Moderna.

Há cerca de oito anos, o artista passou a investir em ilustrações, algo que sempre o atraiu. “Fiz muito pôster para movimentos sociais e para o

movimento negro. Meu trabalho estava muito ligado à comunicação visual e, a partir disso, tomei a decisão de trabalhar com ilustração mesmo, apesar de ainda atuar como designer e comunicação visual em alguns momentos”, diz.

Inspirado na xilogravura, técnica aprendida na infância, Edson usa o modo artesanal para pensar suas ideias. “Foi uma das primeiras técnicas de comunicação de massa. Se formos resumir a história, a xilogravura é um carimbo, uma chapa e, a partir dela, você faz reproduções”, explica.

Geralmente, com a ideia na cabeça e esboçada no papel, Ikê usa madeiras encontradas em lixões e nas ruas da cidade onde mora para talhar. Hoje, utiliza o MDF com maior constância, mas assume o desejo de usar outros materiais, como madeira de caixeta e outros tipos como umburana e canela. Depois da imagem pronta, joga a tinta, cobre com papel para impres-



“Meu trabalho estava muito ligado à comunicação visual e, a partir disso, tomei a decisão de trabalhar com ilustração mesmo, apesar de ainda atuar como designer”
Edson Ikê

Foto Dani Sandrini



Criatividade, identidade e dedicação ao aprendizado contínuo são alguns dos segredos do artista

são e digitaliza o resultado para fazer manipulação, como a colorização ou adição de mais itens.

Para manter o espírito criativo, Ikê mantém vários cadernos nos quais estuda assuntos do seu interesse. “Penso o desenho e tenho sempre que contar uma história e, daí, é uma investigação daquela imagem”.

Apesar de cada projeto ser diferente, segundo o artista, da criação inicial até o final é um caminho que demanda referências, olhares e inspiração. A frase “é só um desenho” não cabe em seu trabalho, pois Ikê diz que, para chegar ao fim, é preciso mergulhar no tema.

Nas palavras dele, trata-se de “um processo contínuo de aprendizado e um pouco desgastante”, já que é preciso ir até as raízes das suas escolhas. A técnica usada por Edson exige que os traços sejam feitos à mão livre, envolvendo seu corpo inteiro em cada criação. Talhar faz parte do seu fazer artístico. “As pessoas podem pensar que é no digital, mas uso a criatividade, é artesanal”, emenda.

Ikê tenta preservar a possibilidade de viver e entender cada etapa do seu trabalho. “Ainda bem que nós temos a arte e seus processos, como um carpinteiro, com sua artesanaria, como a ciência, um trabalho manual de coordenação fina, motora. Ou como um trapezista, um músico ou desenhista, que sempre precisam estar aquecidos e em exercício”.

Recentemente, Ikê ilustrou a capa do livro *Edith e a Velha Sentada*, do ator e escritor Lázaro Ramos. Apesar de o trabalho ter se tornado comum para ele, o ilustrador reforça que cada obra é uma experiência única e acaba de formas diferentes. “Faço capas, livros didáticos, e para cumprir o objetivo de cada um, estudo e adapto meu estilo, desde desenho para criança ou algo mais autoral”, conta.

Ikê busca, ao máximo, diversificar seu trabalho para alcançar outras gamas de possibilidades e chegar a mais



Os Barcos



Peixes Sobrepostos



locais e oportunidades. Mensalmente, ilustra textos no jornal Folha de S.Paulo, nos quais registra seu traço e sua identidade artística. Produziu ilustrações encomendadas por editoras, jornais, projetos educacionais e revistas, além de ter criado capas de discos para o cenário da música independente no Brasil e exterior, em países como França, Estados Unidos e Portugal. Hoje, inclusive, é agenciado internacionalmente com o objetivo de aumentar seu alcance global. Ao longo da carreira, acumula prêmios que reconhecem seu talento. Um deles é o Movimento Criativos, do Instituto Feira Preta e Itaú Cultural, na categoria Criação, em 2017. Foi indicado aos prêmios Esso e Abril de Jornalismo, em 2016, pela ilustração da reportagem *África e Brasil: unidos pela história e cultura*, publicada na Revista Nova Escola.

Para o futuro, diz ter interesse nas gravuras em metal. Há dois anos, o ilustrador está na transição da produção e passou a usar mais o tablet em suas encomendas. Um exemplo é o acervo de texturas que ele criou e utiliza a cada trabalho. Com isso, ele consegue maior agilidade e se adapta cada vez mais ao que é comum no mercado.

No campo das artes, o ilustrador se define como um curioso. Procurar novas técnicas, jeitos e maneiras de criar ilustrações é algo que o move. Um exemplo é seu interesse pelo Sumi-ê, técnica ancestral de desenho monocromático, baseada no uso da tinta nanquim, original da pintura chinesa.

A característica principal é o uso da tinta preta, à base de carvão, em contraste com o branco do papel de arroz. Adeptos chamam o Sumi-ê de arte em preto e branco, ou arte do essencial, já que correções não são possíveis.

Outra vertente artística está na música. Trompetista da banda de jazz, chamada *Conde Favela Sexteto*, lançou o primeiro disco em 2020. “Toco há 20 anos e ainda estou aprendendo”. Para ele, um dos segredos da arte, seja ela qual for, é “se manter curioso”. ■

entrevista

PADRE JULIO LANCELLOTTI: VIGÁRIO DA PASTORAL DO POVO DA RUA

Alimento também é afeto

Na encruzilhada entre o individualismo e a coletividade, a decisão do padre Julio Lancellotti é conviver e partilhar o pão com quem não tem lar nem o prato cheio

texto e entrevista: Semayat Oliveira e Lucas Veloso

Foto Dani Sandrini



Dos 73 anos de vida do padre Julio Lancellotti, mais da metade foi dedicada a amenizar os obstáculos da pobreza na cidade de São Paulo. Há décadas, seu compromisso inadiável nas primeiras horas do dia é distribuir o tradicional café da manhã para pessoas em desalento pelas ruas. Com o agravamento da insegurança alimentar no Brasil, sua escolha em defender a vida e combater a fome se intensificou.

Embora sua trajetória seja nacionalmente conhecida a partir do sacerdócio, suas experiências não se limitam a essa função. Ele também atuou como auxiliar de enfermagem, pedagogo e professor. Participou da fundação da Pastoral da Criança, em 1983, e da formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990. Um ano depois, em 1991, fundou a Casa Vida, pensada para acolher indivíduos com o vírus da imunodeficiência humana (HIV) ou com a síndrome da imunodeficiência adquirida (aids). Atualmente, a iniciativa é mantida pela Associação Nossa Senhora do Bom Parto.

O rito de ordenação para padre aconteceu em 1985, por celebração do então bispo Dom Luciano Mendes de Almeida, falecido em 2006. Em seguida, Dom Paulo Evaristo Arns o designou vigário episcopal para a Pastoral do Povo da Rua. São mais de 36 anos na luta contra a discriminação e outras formas de desigualdades, a partir do exercício da cidadania e da fé.

No dia marcado para esta entrevista, nossa equipe foi à Paróquia São Miguel Arcanjo, localizada no bairro da Mooca, onde Julio Lancellotti exerce a função de pároco. Eram 9h da manhã quando o padre Julio, como costuma ser chamado, chegou de sua tarefa matinal. Nunca sozinho, estava rodeado de voluntários.

Poucos minutos depois, chamou a equipe para um breve diálogo. Não à

toa, sentou-se debaixo da imagem de São Benedito, o santo de pele negra conhecido como o padroeiro dos cozinheiros, protetor da cozinha e um milagroso multiplicador de peixes e pães. Ao longo da conversa, ao ser questionado sobre os riscos da exposição cotidiana durante a pandemia, a resposta não surpreendeu: “Quem tem medo sofre mais”.

O iminente perigo da covid-19 não fez o seu empenho esmorecer. Se ficar protegido era uma forma de cuidado à vida, o sacerdote optou por não abandonar as pessoas com quem desenvolveu uma convivência constante nos últimos anos.

Desde março de 2020, a crise sanitária acentuou as cenas de desigualdade. Algumas delas são visíveis nas ruas da cidade de São Paulo. Segundo a prefeitura, a população de rua cresceu 31% entre 2019 e 2021. Em um tempo em que os obstáculos para uma vida digna se agigantam, o presbítero destacou a importância de não usar eufemismos para a fome. “Não é uma questão de insegurança, mas sim

NÃO É SOBRE RELIGIÃO

“A fome não é um problema só dos religiosos, é um problema de todos, é uma questão humana”

de sofrimento”, afirmou. Com a intenção de contribuir com a garantia dos direitos humanos fundamentais, Julio Lancellotti e a Pastoral do Povo da Rua, sob a sua coordenação, estendem as mãos a outras mãos.

Quando o seu trabalho com a população em condição de rua começou?

É uma convivência. Então, não digo que trabalho com a população, digo que convivo. Essa convivência é de muito tempo, mais de 40 anos. E a convivência se constrói por várias circunstâncias da vida. Fui convivendo com grupos mais empobrecidos, mais vulneráveis, em situações de abandono, pessoas em privação de liberdade, pessoas com HIV e aids, jovens infratores e a população que está na rua. Nessa convivência, encontrei momentos agudos de fome e situações de desumanização. Esse é um contato permanente da vida, uma realidade presente em diferentes situações, em menor ou maior quantidade. Principalmente se a pessoa pertence a uma classe mais popular, ela vai encontrar dificuldades. Há tempos, isso é mais forte, explícito.

Como um dos atores mais visíveis na luta contra a fome, considera que há no senhor algo diferente que o motive a agir nesta causa?

Não tem uma coisa que seja um diferencial. Acho que são escolhas que a gente faz na vida e circunstâncias que a vida te leva e que você assume. A gente nunca deve ter uma visão de ser superior ou de ter feito uma escolha melhor. Fazemos as escolhas que são possíveis.

Existe alguma história que o marcou nesses quase 40 anos de convivência e partilha?

O que marca muito é quando eu os vejo comerem tristes. Tristes porque não têm a certeza de que repetirão a refeição no outro dia ou ainda naquele dia mesmo. E o alimento não é só a

comida que você mastiga, mas o afeto que você recebe. Isso significa conviver, relacionar-se, conversar com as pessoas, estar e comer junto, isso faz toda a diferença.

Como o senhor define a importância do alimento, relacionando comida e afeto?

O alimento faz parte de questões culturais, de questões afetivas. Às vezes, os vejo comendo cabisbaixos, angustiados. Não é um comer com prazer, porque não podem escolher o que vão comer, comem o que dão. Esse alimento tem que saciar o corpo, objetivamente, mas também a vida, no sentido da escolha e do acesso. As pessoas não vão viver só das doações de marmita. É preciso que escolham.

Se comparada com anos anteriores, qual sua avaliação do contexto atual, considerando o impacto da crise sanitária?

Cada momento tem a sua gravidade e tem a sua possibilidade. Então, é difícil dizer se era pior, se era melhor. Cada período tem a sua dor e o seu amor. Mas a miséria já estava aumentando e a chegada da pandemia ampliou o número de pessoas nas ruas, em vulnerabilidade, e que necessitam de auxílio diariamente. Tem muita gente buscando respostas, e não só aqui, mas em todos os lugares.

O senhor sentiu receio em realizar seu trabalho nas ruas durante a pandemia?

A exposição é permanente e constante. Agora a gente não pode se movimentar pelo medo. Quem tem medo sofre mais.

E qual é a sua rotina?

A partir das 7h30, temos a convivência de partilha no café da manhã com os irmãos de rua. É um exercício diário, e a gente deve fazer isso, senão caímos facilmente no hábito de acumular. Vivemos com o acúmulo dia-

riamente e precisamos pensar nessa partilha também. Conto com a equipe da casa de oração e de voluntários, porque sozinho ninguém consegue. E as pessoas que frequentam a igreja, além dos moradores.

Pensando em números, o senhor tem mapeado quantas pessoas são atendidas por dia?

Uma média de 500 pessoas, mas também temos o café da manhã na casa de oração, também com cerca de 500 pessoas. Para essa partilha são feitos 1.200 pães por dia. No almoço, vão de 300 a 400 refeições. Para manter o trabalho, recebemos doações da própria comunidade e de pessoas que colaboram. Assim, a gente vai juntando um pouco de cada para formar o necessário para todos.

Durante a pandemia, surgiram outras organizações que também mobilizaram doações. Como o senhor observa esse movimento?

São respostas que as pessoas dão no decorrer da história. A esperança é essa, vão surgir novos grupos, novas lutas, novas possibilidades, mas se você for olhar no conjunto, ainda são grupos muito minoritários diante do conjunto da sociedade.

O que o senhor pensa sobre o termo insegurança alimentar?

O conceito de insegurança alimentar é parte do conceito de segurança. Então, ficamos usando termos militarizados para um fenômeno humano. A fome não é uma questão de insegurança, é uma questão de sofrimento. É uma questão de desafio humano. As pessoas têm o direito de se alimentar. Conseguir esse direito reúne um conjunto de fatores estruturais. Dentro da lógica do capitalismo neoliberal, a fome faz parte do cotidiano: uns vão comer e outros não. Não tem lugar para todos na mesa: uns serão convidados, outros serão rejeitados. Uns comerão o que está à mesa, outros co-



Padre Júlio distribui alimento na Mooca

merão a sobra e outros não comerão nada. Então, a alimentação não é vista como uma produção para saciar a fome do povo, mas sim como um comércio que responderá para uns, e para outros, não.

Um ditado popular afirma que “Não se deve negar um prato de comida a ninguém”. Na sua opinião, a população brasileira vê isso como importante ou essa solidariedade é sazonal? Tem de tudo. Tem uma solidariedade mais sazonal, têm as pessoas que assumem a questão do compromisso de lutar contra a fome, contra a desigualdade. Mas não há solidarieda-

ALIMENTAÇÃO E AFETIVIDADE

“Esse alimento tem que saciar o corpo, objetivamente, mas também a vida, no sentido da escolha e do acesso. As pessoas não vão viver só das doações de marmita”

Foto Matheus José Maria



de política a fim de mudar a situação. Essa não tem, essa não existe. Sempre vai ser dentro desse modelo, o modelo não muda. Então, você quer mudar as causas, mas a raiz se mantém. Quer mudar os efeitos, mas mantém a raiz do problema. Não tem uma mudança estrutural, uma mudança de modelo, nós não temos.

A discussão sobre a aporofobia [termo que significa aversão, medo e desprezo por pessoas em condição de pobreza financeira] tem ganhado destaque. Por que agora?

É um fenômeno que está presente há muito tempo e agora foi nomina-

do. As pessoas têm percebido que são portadoras de aporofobia e isso causa muito incômodo, muito problema. É importante que as coisas tenham um nome para que sua presença seja identificada.

Em 2021, o senhor quebrou as marretadas as pedras que impediam o alojamento de moradores de rua sob os viadutos Dom Luciano Mendes de Almeida e Antônio de Paiva Monteiro, localizados na zona leste da cidade de São Paulo. Concorde que a sua iniciativa chamou atenção para essa discussão sobre a aporofobia?

O gesto ajudou a refletir sobre isso,

tiveram tanto os que atacaram e não concordaram, quanto os que apoiaram. É importante discutir essa questão, acho que a sociedade está disposta a discutir, a tratar, a rever. Essa discussão até que pegou. Tem bastante gente envolvida, identificando a aporofobia na arquitetura, nas cidades, e isso é importante porque, percebendo, as pessoas também vão combatendo.

E como construir uma sociedade mais justa e solidária?

É um caminho longo, histórico e político. Isso passa pela taxação das grandes fortunas, por uma renda básica. Não é uma mudança que acontecerá de repente, é uma ação articulada e difícil. Leva tempo.

Qual é o papel das instituições religiosas no combate à fome?

A função de ir para rua não é apenas das instituições religiosas. Buscar a partilha, superar a fome, defender a dignidade humana é missão de todos. Às vezes, ateus são mais solidários do que os religiosos. Você pode ser religioso e usar um discurso extremamente desumano. Então, acho que todas as pessoas deveriam lutar por isso. A fome é uma questão humana.

Como religioso, há alguma passagem bíblica ou mensagem que o inspira?

É o conjunto do Evangelho, mas o texto que foi lido na missa de hoje é muito inquietante. [Marcos 8, 14-21. Nele, Jesus fala aos discípulos sobre a importância de compartilhar o pão, mesmo em contextos nos quais se tem pouco]. O texto do Evangelho se refere a não compreender a partilha. E no mundo de concentração a partilha é conflitiva.

O rapper Criolo disse que todo mundo tem fome. Se não é de feijão com farinha, é de amor. O senhor tem fome de quê?

Quero sentir a mesma dor que o povo sente para poder lutar contra ela. ▣

O mapa brasileiro da fome

Milhões de pessoas não têm conseguido manter a regularidade de suas alimentações e os pratos vazios se tornaram um dos principais desafios do país

texto: Semayat Oliveira

As razões que fazem com que milhares de pessoas convivam, ainda hoje, com a insegurança alimentar são profundas. Para entender o contexto contemporâneo dessa realidade, é imprescindível fazer uma retomada histórica, começando pelo pensamento do recifense Josué de Castro. Seu trabalho marcou a literatura e a política brasileiras com um raio-x sobre a fome. Em 1946, o médico, geógrafo e cientista social publicou o livro *Geografia da Fome*, obra em que mergulha na raiz do problema. Para ele, naquele tempo, o assunto era um tabu e ignorado pelas autoridades.

O debate proposto por Josué se deu em concomitância à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que levou a uma drástica escassez alimentar. Após o conflito, uma das decisões da Organização das Nações Unidas (ONU) foi criar uma agência dedicada à erradicação da fome no mundo. Nesse contexto, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) nasceu em 16 de outubro de 1945. Josué chegou a ocupar a cadeira da presidência do Conselho Executivo da agência, de 1952 a 1956.

Na atualidade, as obras e a perspectiva do médico embasam os estudos de Adriana Salay, doutoranda em História Social na Universidade de São Paulo. Sua fala é categórica ao

afirmar que a fome é uma herança da invasão e da colonização. “A estrutura que criamos é totalmente desigual”, ressalta. “Trata-se de um produto das desigualdades sociais construídas a partir da raça, classe e gênero, que resulta em acesso à possibilidade de alimentação para um grupo, enquanto outro não tem seus plenos direitos alcançados”.

Para compreender a conjuntura, Adriana resgata os conceitos de fome endêmica e epidêmica, cunhados por Josué. “A fome endêmica é estrutural. Ou seja, a nossa estrutura extremamente desigual é a causa. Portanto, esteve presente desde sempre”, explica. Como agravante, o surto pandêmico causado pela covid-19, con-





Mesa Brasil ajuda a combater a fome na periferia da cidade de São Paulo

comitante a uma crise econômica e política, tornou os aspectos da insegurança alimentar ainda mais severos. “Soma-se a isso a ausência de investimentos em políticas públicas, o que gerou, também, uma fome epidêmica, ou seja, um aumento exponencial nos índices de insegurança alimentar”, ela defende.

Segundo Daniel Balaban, representante do Programa Mundial de Alimentos da ONU no Brasil, um futuro diferente para milhares de pessoas só será possível com estratégias ininterruptas: “Temos melhores ou piores resultados de acordo com os procedimentos e políticas públicas”. Entretanto, uma série de rupturas e descontinuidades têm tornado a linha de

chegada ainda mais distante. “Nos anos 70 e 80, não se discutia a questão a nível governamental, até que especialistas começaram a desnaturalizar o fato de pessoas viverem abaixo da linha da pobreza e morrerem em um país grande e rico como o nosso”, afirma.

QUEM TEM FOME NÃO PODE ESPERAR

A atuação da sociedade civil provocou um senso de urgência. No início dos anos 90, surgiram iniciativas como a do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, fundador da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, em 1993. Sua campanha foi reconhecida como a maior da América Latina.

No mesmo período, o programa Mesa Brasil Sesc São Paulo nasceu,

em 1994. Foi criado para combater a fome e a insegurança alimentar, além de evitar o desperdício, reduzindo as desigualdades sociais a partir de valores condizentes com o Sesc.

Fora do Brasil, pactos internacionais também eram estabelecidos, uma reação dos países diante da miséria e pobreza humana. Em setembro do ano 2000, foi realizada a 55ª sessão da Assembleia Geral da ONU ou Cúpula do Milênio das Nações Unidas. Na ocasião, os chefes de Estado ou lideranças de 191 nações definiram oito Objetivos para o Desenvolvimento do Milênio (ODM). O pacto almejava avanços globais na garantia de direitos básicos. A partir de cada um deles, metas foram estabelecidas para

acompanhar a performance das nações num intervalo de 15 anos, encerrados em 2015. A erradicação da fome e da miséria ocupou o topo da lista de prioridades.

“A discussão é o primeiro passo para achar soluções”, defende Daniel, destacando que, entre os anos 90 e o início dos anos 2000, o Brasil passou a fazer políticas públicas de combate à fome e extrema pobreza, de forma sistêmica. A historiadora Adriana Salay concorda. Para ela, o novo milênio é marcado por esforços direcionados para confrontar o problema em âmbito nacional: “Foi a primeira vez que o Estado brasileiro se preocupou com essa questão de forma interministerial”.

O Fome Zero, programa iniciado em 2003, foi um plano liderado pelo governo federal, composto por uma série de iniciativas para enfrentar as desigualdades sociais. Entre as novas ações, estavam políticas públicas para a valorização do salário mínimo, a ampliação da merenda escolar, representada pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e a valorização e o fortalecimento da agricultura familiar, com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). O carro-chefe, porém, foi o Bolsa Família, pensado para promover a transferência de renda para as famílias em condição de pobreza e extrema pobreza e, simultaneamente, acompanhar a educação e a saúde de crianças, adolescentes e mulheres grávidas.

Além disso, era urgente mapear a profundidade do desafio. A partir de uma metodologia norte-americana, pesquisadores brasileiros de diferentes instituições desenvolveram uma escala capaz de medir, de forma direta, a insegurança alimentar. Em 2003, surge a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), metodologia pensada para avaliar e acompanhar os avanços ou retrocessos na área.

Três anos depois, foi publicado o primeiro levantamento complementar da Pesquisa Nacional por Amostra de

Foto Sabrina Santos Leite



Na década de 90, o Brasil passa a criar políticas públicas de combate à fome e à extrema pobreza, de forma sistêmica

“Uma escritora chamada Helena Silvestre, autora do livro *Notas sobre a Fome*, diz que não existe insegurança alimentar leve para quem está neste lugar. Ou seja, os termos importam, as palavras importam. Prefiro utilizar o termo fome”

Adriana Salay

Domicílios (PNAD) sobre Segurança Alimentar, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados colhidos no ano de 2004. O estudo revelou que 65,2% dos domicílios particulares do país, o equivalente a 109 milhões de pessoas, viviam em situação de segurança alimentar. Os outros 34,8% dos domicílios, correspondente a 72 milhões de pessoas, enfrentavam um dos três níveis diferentes de insegurança alimentar: leve (16%), moderada (12,3%) ou grave (6,5%). A classificação de insegurança alimentar grave considerou os lares em que, nos 90 dias que antecederam a entrevista, conviveram com a frequente ausência de alimentos. Naquele ano, cerca de 14 milhões de pessoas estavam nessa situação.

Outra ferramenta adotada para indicar o progresso dos países ficou conhecida como Mapa da Fome, da ONU. Trata-se de um estudo mundial que passou a ser divulgado anualmente. Os países eram sinalizados por intensidade de cores, de acordo com o índice de insegurança alimentar enfrentado por cada um deles. Quanto mais forte a cor, mais precária era a condição. “Quando se fala em Mapa da Fome, é importante ressaltar que os países não ficam confortáveis em aparecer de forma negativa, até porque é uma questão política. Então, quanto mais incomodados, mais ações os governantes farão para saírem daquela situação”, reforçou Daniel Balaban.

No caso do Brasil, o Mapa indicava um cenário crítico em relação à subnutrição e à insegurança alimentar. Aos poucos, foram registrados avanços e, em 2014, o Brasil saiu do Mapa da Fome. A confirmação foi divulgada no Relatório do Estado de Insegurança Alimentar e Nutricional no Mundo, publicado pela FAO naquele ano.

Considerando o indicador de Prevalência de Subalimentação, utilizado para avaliar internacionalmente

a questão, o Brasil atingiu um nível inferior a 5%, diminuição significativa frente à realidade brasileira até aquele momento. “Ainda assim, a porcentagem equivalia a pelo menos 10 milhões de pessoas. Então, costume dizer que o Brasil saiu do Mapa da Fome, mas a fome não saiu do Brasil”, explica a historiadora Adriana Salay.

Ainda que o problema não tenha sido zerado, a estratégia desenvolvida foi reconhecida como um exemplo exitoso. Segundo a Agência Senado, o representante da FAO no Brasil na época, Alan Bojanic, chegou a afirmar que o país caminhava para ser um dos primeiros, entre as nações em desenvolvimento, a acabar totalmente com a fome. Entretanto, a manutenção dessa melhoria demandaria uma continuidade das políticas públicas implementadas, e não foi o que aconteceu. “Entramos em uma crise econômica e política muito grande a partir de 2015 e 2016, o que impactou diretamente no aumento dos índices”, completa Daniel.

A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), realizada pelo IBGE, apontou um agravamento nos indicadores referentes à fome, entre os anos 2017 e 2018. O estudo mostra que 79,5% da população urbana estava em segurança alimentar em 2013, mas, em 2018, esse índice caiu para 64,9%. Na área rural, no mesmo período, a proporção de famílias em segurança alimentar caiu de 64,7% para 53,6%.

Portanto, antes do início da crise sanitária, que chegou ao Brasil em 2020, o aumento da insegurança alimentar em todos os níveis já era uma realidade. A pandemia piorou um cenário já crítico. Como resultado, o país voltou ao Mapa da Fome em julho de 2022. Segundo a ONU, 61 milhões de brasileiros enfrentaram dificuldades para se alimentar entre 2019 e 2021. Desse, 15 milhões passaram fome.

Antes mesmo de saber esse resultado, Daniel Balaban já reconhecia a situação como de emergência, carente

ENTENDA OS CONCEITOS

→ Segurança Alimentar e Nutricional

A família tem acesso regular e permanente a alimentos de qualidade e em quantidade suficiente.

→ Insegurança Alimentar Leve

A família tem preocupação se terá o que comer no dia seguinte e/ou há uma diminuição na qualidade dos alimentos.

→ Insegurança Alimentar Moderada

A família reduz a qualidade e a quantidade dos alimentos por falta de recursos.

→ Insegurança Alimentar Grave

Sem condições, a família fica sem comer, enfrentando uma escassez severa de alimentos que afeta também as crianças. Nessa situação, a fome passa a ser uma experiência vivida no domicílio.

Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA); Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), Food Insecurity Experience Scale; Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (Losan); Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan).

de medidas imediatas. Dentre essas, a ação de entidades públicas, privadas e organizações da sociedade civil (igrejas, associações e ONGs). “Ao mesmo tempo, é importante que tenhamos políticas públicas para a transferência de renda. O momento é de salvar vidas”, defende.

Para Adriana Salay, que tem se mobilizado para a distribuição de alimentos, embora a população tenha um papel muito importante no apaziguamento da crise, essa não será a solução. “A questão será solucionada no macro. Precisamos de políticas estruturais de transformação, pois trata-se de uma questão estrutural”.

RETROCESSO HISTÓRICO

O estudo mais recente, completo e com maior capacidade de traduzir a atual situação de insegurança alimentar no país foi desenvolvido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN). Intitulada Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19, a pesquisa teve duas edições, uma em 2021 e outra em 2022.

A primeira, com base em dados colhidos em dezembro de 2020, evidenciou que apenas 44,8% dos lares pesquisados tinham segurança alimentar. Ou seja, 55,2% dos domicílios conviviam com algum nível de insegurança alimentar.

Em números absolutos, 116,8 milhões dos brasileiros não tinham acesso pleno e permanente a alimentos. Desses, 43,4 milhões não contavam com alimentos em quantidade suficiente, atendendo aos critérios da insegurança alimentar moderada ou grave. E 19,1 milhões estavam passando fome (insegurança alimentar grave).

Segundo Renato Maluf, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e coordenador da Rede PENSSAN, quando a equipe saiu a campo, já havia uma noção de que

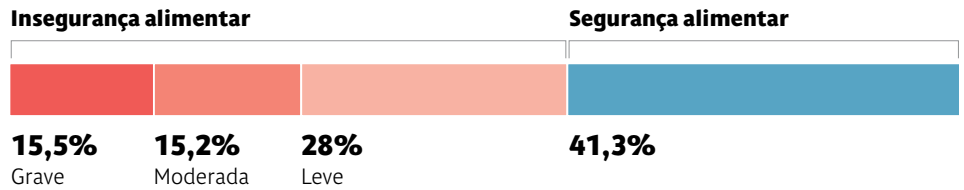
MILHÕES DE PRATOS VAZIOS

33,1 milhões

de pessoas estão passando fome no Brasil, segundo dados da pesquisa

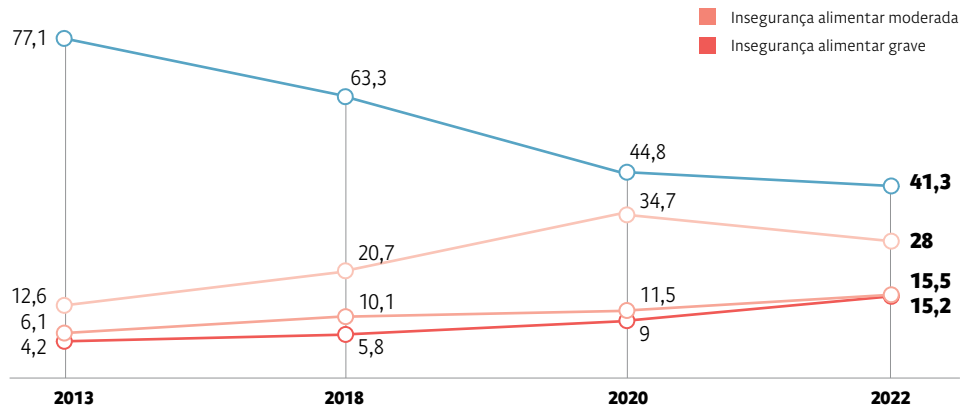
125,2 milhões

mais da metade da população do país vive com algum grau de insegurança alimentar



Evolução da segurança alimentar

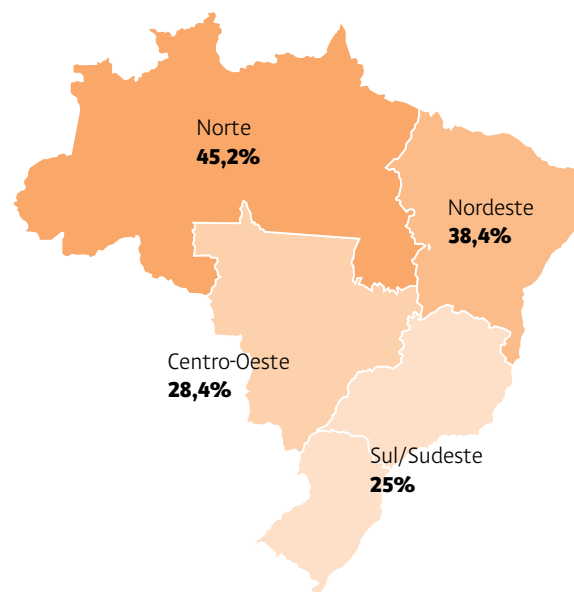
Valores em %



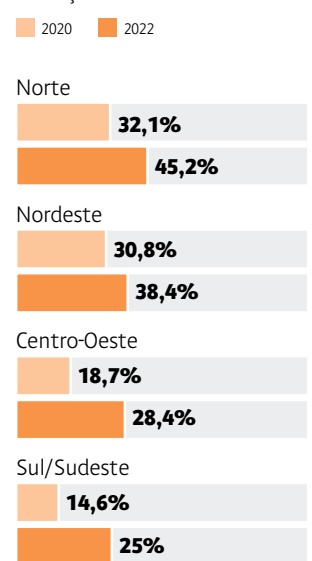
Fonte: Dados reanalisados para a escala de oito itens, a partir das pesquisas: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2013-2014 (IBGE); Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018 (IBGE); II VIGISAN - SA/IA e Covid-19, Brasil, 2021/2022

A fome no Brasil por região

Dados de 2022



Evolução 2020-2022



Fonte: II VIGISAN - SA/IA e Covid-19, Brasil, 2021/2022/Percentual da população convivendo com formas mais severas de insegurança alimentar (moderada e grave)

“O que o inquérito diz é que existem fatores que ampliam a condição de vulnerabilidade. Ou seja, domicílio chefiado por mulher, pessoa de cor parda ou preta, com baixa escolaridade e que moram na área rural. Em muitos casos, esses quatro fatores coincidem”

Renato Maluf

Características da fome brasileira

GÊNERO

Domicílios em insegurança alimentar moderada e grave

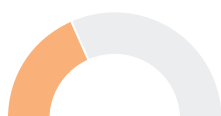
25,1%

liderados por homens



36,7%

liderados por mulheres



RAÇA

Domicílios em insegurança alimentar moderada e grave

20,9%

liderados por pessoas brancas



35,8%

liderados por pessoas de raça/cor preta ou parda



CRIANÇAS

A fome nas famílias com crianças até 10 anos dobrou

2020

9,4%

2022

18,1%

ESCOLARIDADE

22,3%

dos lares em que a pessoa de referência sem escolaridade ou com menos de quatro anos de estudo tem insegurança alimentar grave

REGIONALIDADE

35,5%

é o índice de insegurança alimentar grave e moderada, em áreas rurais

29,9%

é o índice de insegurança alimentar grave e moderada, em áreas urbanas

Fonte: II VIGISAN - SA/IA e Covid-19, Brasil, 2021/2022

encontraria uma situação crítica, em decorrência dos últimos resultados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) divulgada pelo IBGE. “Ali, já apareceram as repercussões da crise econômica e política a partir de 2015 e 2016. E o contexto da pandemia permitia antever que essa tendência de agravamento não teria nenhuma possibilidade de ser revertida. O que nos surpreendeu foi a gravidade da situação”, explicou.

Entretanto, a publicação da segunda edição, em junho de 2022, revelou um aprofundamento do problema. Com um total de entrevistas em 12.745 domicílios e 35.022 indivíduos das cinco regiões do país, os números revelaram um cenário ainda mais assustador: saltamos de 9% para 15,5%

dos domicílios com moradores passando fome, o equivalente a 33,1 milhões de pessoas, 14 milhões a mais do identificado no final de 2020.

Embora seja natural fixar o olhar para o quadro mais alarmante, o coordenador alerta que esse não deve ser o único ponto de atenção: “É muito significativo que quase 100 milhões de brasileiros, portanto, já descontados os que estão na condição mais grave, tenham tido o seu padrão alimentar comprometido. Seja porque estão comendo pior, seja porque estão comendo menos”.

Como contexto, um trecho do último estudo afirma que “o povo brasileiro vem empobrecendo progressivamente e enfrentando as consequências da precarização da vida”,

o que reflete na ausência de acesso a alimentos suficientes e adequados pelas famílias e na violação do direito humano à alimentação.

Além disso, o documento destaca que a descontinuação de programas e iniciativas criadas ou fortalecidas pelo Fome Zero também trazem impactos significativos. Em 2021, por exemplo, houve a extinção do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Bolsa Família, substituídos pelos programas Alimenta Brasil e Auxílio Brasil, mas com redução no número de pessoas atendidas. Aponta, ainda, uma gestão precarizada do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) durante a pandemia.

A ligação de todos esses pontos se manifesta na intensificação das desigualdades, principalmente para as áreas em que, historicamente, a pobreza é ainda mais feroz. Assim como na primeira edição, os números têm oscilações drásticas de acordo com a localização. Se comparado com o restante do país, é maior o número de pessoas que convivem com a insegurança alimentar moderada e grave nas regiões Norte (45,2%) e Nordeste (38,4%).

Moradores de áreas rurais também estão entre os mais atingidos: 60% dos domicílios vivem com algum nível de insegurança alimentar e 18,6% se deparam com os pratos vazios. “Isso expressa um dos paradoxos da formação social brasileira. Famílias que, em princípio, deveriam ter condições de ao menos produzir seu próprio alimento, não conseguem”, aponta o coordenador da Rede. “Essa impossibilidade está atrelada a fatores históricos de desigualdade, como a concentração na propriedade da terra”.

Na opinião de Renato, a maior contradição é o Brasil ser um dos principais produtores mundiais de alimentos e ter uma nação faminta. “Como é que se explica isso? Se não é pela extrema desigualdade, pela iniquidade dos processos e pela constatação

de que esse modelo, no qual o país se baseia para ser o grande produtor de alimentos, não responde às necessidades de segurança nem do seu próprio povo. É muito grave”, finaliza.

No breve resgate da trajetória recente brasileira em relação ao combate à fome e em defesa da vida, fica evidente que a história do Brasil é marcada por tentativas de avançar em direção a um país mais justo, com destaque fundamental para a atuação da sociedade civil organizada. Entretanto, as conquistas da primeira década dos anos 2000 foram dissolvidas, fazendo com que a nação, que já foi referência internacional no combate à fome, retrocedesse a níveis já superados.

POR UMA ALIMENTAÇÃO ADEQUADA E SAUDÁVEL

A estratégia traçada pelo país, a partir de 2003, também trouxe ganhos fundamentais em relação aos cuidados que precisam ser priorizados para promover a segurança alimentar da população.

Uma das iniciativas foi a reativação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), criado em 1993, durante a gestão do então presidente Itamar Franco, como um órgão consultivo à Presidência da República, para promover o diálogo entre diferentes setores do poder público e da sociedade civil, visando a construção de políticas públicas sobre o tema. E a partir desse trabalho, é convocada a primeira Conferência Nacional de Segurança Alimentar, em 1994. Entretanto, o Conselho foi extinto em 1995.

Em 2003, o CONSEA é refundado e, no ano seguinte, é realizada a segunda conferência, a partir da qual começam a ser pensadas e estabelecidas diretrizes que culminaram na Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), instituída em 5 de setembro de 2006. O documento é um pacto entre a sociedade

Diversidade é essencial para garantir a qualidade da alimentação



civil e o poder público em defesa do direito básico de comer bem e com regularidade. É um conceito que envolve a garantia do acesso ao alimento em quantidade e qualidade suficientes, sem comprometer a renda para outras atividades essenciais. O texto afirma que a alimentação adequada é um direito inerente à dignidade da pessoa humana e indispensável à realização dos direitos consagrados na Constituição Federal. A partir dessa legislação, cria-se um solo firme para o diálogo desafiador que se constrói a seguir.

Daniela Frozi, doutora em Ciências da Nutrição pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro do comitê executivo da Rede PENSSAN, explica que a promoção da segurança alimentar e nutricional é um desafio que precisa ser olhado pelo prisma da LOSAN.

“Seu fundamento tem a ver com as práticas e os modos de vida do brasileiro, transcendendo a lógica de um modelo agroalimentar focado na indústria”, defende, ressaltando que a agricultura familiar e os pequenos produtores rurais propiciam maior biodi-



versidade, pois fogem de uma produção padronizada e respeitam a regionalidade. “É o que garante que encontremos batata doce de todos os jeitos, tipos diferentes de feijão, hortaliças e de frutas, escapando do tradicional banana e maçã, acessando a pitanga, amora, jambu e outras frutas”.

No entanto, evitar a homogeneidade exige considerar o que as famílias querem comer, o que envolve uma escuta ativa dos atores responsáveis pela política institucional. Para Daniela, a população menos ouvida está na periferia e é majoritariamente negra: “Ao ou-

vir quem tem fome, percebemos como combater o problema”. A pesquisadora reforça que a sobrevivência das camadas sociais mais vulnerabilizadas só tem sido possível por meio da solidariedade proximal, quando há ajuda mútua entre pessoas que habitam um mesmo território ou com vivências semelhantes.

A trajetória da escritora Carolina Maria de Jesus dialoga com a leitura da nutricionista. Na obra *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, publicado em 1960, ela escreveu: “Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças”.

Ao pensar os caminhos para esse debate, a pesquisadora considera imprescindível garantir a igualdade. Também avalia que superar a fome não deve ser um desafio apenas daqueles que enfrentam algum nível de insegurança alimentar, mas principalmente dos que comem. Nessa rota de mudança, as diretrizes criadas, escritas e consagradas na legislação brasileira devem ser o guia. “A segurança alimentar e nutricional é um direito que precisa ser aplicado de uma maneira gentil, humana e com sentido de comunidade”, finaliza Frozi. ■

FLUXO

Sergio Vaz*

A pretexto
do lixo do luxo
o fluxo dita a dor
em forma de canção.
A fome sem nexo
desce goela abaixo
a barriga até o chão.
Ausentes dos olhos frios
na traseira do caminhão
rabisco de gente
remexe, longe do buchicho
o garimpo do feijão.
Entre as cascas da parede
de vidas sem azulejos
está escrito na constituição:
Absolve quem tem sol
enquanto escorre o sangue do solvente.
Quem grita de fome ou de sede
é o nicho do baculejo
e a sobra da nação.

* Poeta, autor de 8 livros e cofundador do Sarau Cooperifa - movimento cultural que transformou um bar na periferia da zona sul de São Paulo em centro cultural e que, assim, ajudou a deflagrar a literatura periférica.





Comedorias

Cardápios saudáveis, contemporâneos e brasileiros para você disfrutar em espaços acolhedores. Em nossas Comedorias, oferecemos preparações que valorizam a diversidade cultural e alimentar.

13 restaurantes

75 cafeterias e lanchonetes

www.sescsp.org.br/comedorias

Instagram Facebook Twitter YouTube /sescTV

ISSN 2177-3696



9 772177 360065

AMAZÔNIA

ARQUEOLOGIA DA FLORESTA

PRESERVADOS POR SÉCULOS, VESTÍGIOS DESCOBERTOS ENTRE CAMADAS DE CONCHAS E TERRA REVELAM COMO VIVIAM OS POVOS DA AMAZÔNIA HÁ 4.000 ANOS.

SÉRIE EM 4 EPISÓDIOS

ASSISTA EM SESC.TV.ORG.BR/AMAZONIA
OU CONSULTE SUA OPERADORA DE TV

Sesctv